

LEMOS, Flávio Luan Freire; LIMA, Yanka Araújo. Ocupação e identidade cigana na nova capital brasileira pelas folhas do *Correio Braziliense* (1960-1980). RESC Revista de Estudos SocioCulturais, v1., n.2, dezembro de 2021, p. 55-68, ISSN (Em Solicitação).

OCUPAÇÃO E IDENTIDADE CIGANA NA NOVA CAPITAL BRASILEIRA PELAS FOLHAS DO *CORREIO BRAZILIENSE* (1960-1980)

Gypsy occupation and identity in the new brazilian capital
through *Correio Braziliense* (1960-1980)

Flávio Luan Freire Lemos¹

Yanka Araújo Lima²

RESUMO: O artigo tem por objetivo investigar, utilizando do *Correio Braziliense* enquanto fonte, a ocupação cigana nas primeiras décadas de fundação da capital brasileira. Para além disso, também visamos entender as representações construídas pelo jornal acerca desses sujeitos. Com isso, buscamos compreender como foi elaborada uma identidade cigana em meio ao noticiário, colunas e reportagens produzidas. Portanto, nosso trabalho visa contribuir com o debate acadêmico sobre esse grupo tão diverso e integrante da história nacional desde o período colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Ciganos. Brasília. Imprensa brasileira.

ABSTRACT: The article aims to investigate, using *Correio Braziliense* as a source, the gypsy occupation in the first decades of the foundation of the Brasilia, capital of Brazil. We also seek to understand the representations constructed by the newspaper about this social group. Therefore, we will identify and discuss how a gypsy identity was created in the midst of the news and reports produced. Therefore, our work aims to contribute to the academic debate about this diverse group and participant in Brazilian national history since the colonial period.

KEYWORDS: Gypsy. Brasília. Brazilian press.

¹ Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/FAFIC/UERN e bolsista DS/CAPEL. Membro do grupo de pesquisa Políticas, Ideologias e Religiões (LEPIDE/PPGH/UNIVERSO).

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará/UECE, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/FAFIC/UERN.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação tem por objetivo compreender o processo de ocupação cigana na cidade de Brasília nas primeiras décadas de sua fundação, utilizando o jornal *Correio Braziliense* como fonte para situar a receptividade local, além do seu papel no debate identitário sobre esses grupos, através das representações constituídas e dadas a ler para seu público. Em nossas análises, entendemos a categoria *representação* enquanto “[...] instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é” (CHATIER, 1991, p.184). Assim sendo, prospectamos que o jornal, ao apresentar os ciganos, atuaram na manutenção de distinções sociais, contribuindo na constituição de uma identidade generalizada – por vezes estigmatizada – que pode, ou não, ser apropriada pelo próprio grupo representado.

De modo geral, é costumeiro termos acesso a visões simplistas sobre as populações ciganas. O conhecimento produzido nos revelam uma série de diferenças internas ao que nós denominamos apenas de ciganos, apesar de compartilharem elementos em comum, fruto da internalização e apropriação da identidade pré-estabelecida. Organizados politicamente, - em organizações como a *Associação das Etnias Ciganas – ANEC* e *Associação Internacional Maylé Sara Kalí*, - essas etnias fazem parte da luta por políticas públicas no cenário político brasileiro.

Entre escritores e pesquisadores que estudaram e contextualizaram a vinda dos ciganos para o Brasil, temos Alexandre José Mello Moraes Filho e *Os ciganos no Brasil, contribuição ethnographica* (1886), José Baptista d'Oliveira China e sua obra *Os Ciganos do Brasil* (1936), e Rodrigo Corrêa Teixeira, com *História dos Ciganos no Brasil* (2008), para citar alguns títulos. Destacamos o trabalho etnográfico de Alexandre Moraes Filho pelo seu extenso registro da presença cigana na corte brasileira, uma fonte bastante utilizada nos trabalhos acadêmicos sobre a temática. De modo geral, não temos registros escritos de uma genealogia cigana escrita pelos próprios ciganos, uma vez que a oralidade predomina na transmissão, internamente, da história de suas origens:

Temos uma história dos ciganos construída por não-ciganos. Dispomos de um quadro histórico onde os ciganos raramente falam a respeito de si e suas percepções de mundo. Além disso, estes relatos históricos tratam dos ciganos enquanto uma nação ou povo homogêneo. Entretanto, os ciganos em todo o território nacional se organizam em comunidades e em função de suas trajetórias possuem biografias e hábitos distintos. (MIRANDA, 2011, p.25).

A pesquisadora Francielle Miranda pontua que “[...] sem muita comprovação histórica, a hipótese mais aceita, pautando-se apenas pela

análise dos filólogos, é de que os primeiros pontos da Europa alcançados por estes povo sejam a Grécia ou as regiões de língua grega” (MIRANDA, 2011, p.27). Não há acordo entre os pesquisadores (as) na determinação da origem dos povos ciganos. Estes não possuindo uma origem fixa, não tendo uma pátria, uma terra, caracterizou-os como tipicamente nômade, circulando ao redor do globo:

Nos relatos históricos, o nomadismo aparece como forma dominante de vida dos ciganos, que parece ter se mantido durante todo o século XIX. Muito mais que êxodo, esta opção aparece até hoje, como uma estratégia para manutenção da identidade étnica e manutenção da autonomia frente aos valores da sociedade hegemônica. (MIRANDA, 2011, p. 34).

Todavia, “estudos baseados na cultura, nos costumes e na grande semelhança linguística definiram que a origem ciana remetia à Índia.” (COUTINHO, 2016, p.30). Moraes Filho (1886, p.19) pontua a chegada no território europeu a partir do século XIV. Sofreram com intensas perseguições dos seus costumes, sobretudo dos tribunais inquisitoriais. Os primeiros desembarques nas terras brasileiras podem ter ocorrido entre fins do século XVII e início do XVIII, por meio de degredos (*Ibidem*, p.22-23). A partir da leitura de Miranda (2001), podemos também observá-los chegando ao Brasil junto com o amplo fluxo de imigrantes da segunda metade do século XIX, onde sobreviveram em grande maioria por meio de empregos não formais e do comércio – vendas ambulantes, apresentações artísticas. Ocuparam regiões específicas da capital imperial – como do Valongo, segundo Moraes Filho (1886, p.37) – envolveram-se, inclusive, no comércio escravocrata.

Importante destacar que o termo “cigano” foi uma atribuição exterior ao grupo, carregada de estereótipos para aglutinar uma série de povos nômades. Deste modo, “a palavra *Rom* é utilizada por alguns subgrupos ciganos para se autodenominar, já que eles não se reconhecem como ciganos.” (COUTINHO, 2016, p.31). Há também outras autodenominações, como os *Sinti* e *Calon*. No Brasil registra-se a presença, sobretudo, dos *Rons* e dos *Calons*. Os pesquisadores usam o termo cigano para se referirem a multiplicidade desse grupo social, no entanto, apesar de ficarmos limitados com as fontes disponíveis a fazer uma análise subjetiva de cada grupo, é de relevância ressaltarmos as diferenças entre eles.

A predominância da cultura oral entre os ciganos pode explicar a dificuldade de fontes produzidas pelos mesmos no recorte histórico da nossa pesquisa. Todavia, encontramos nos jornais um instrumento que não se restringe apenas a produzir, ou atuar na manutenção, de uma identidade cigana estigmatizada. Encontramos também um espaço onde suas vozes são ecoadas, por exemplo, através das entrevistas publicadas, quase sempre se defendendo das acusações de roubo, charlatanismo e raptos. Logo,

apontamos a fertilidade dos jornais do século XIX para a produção acadêmica e historiográfica sobre esse grupo social que, apesar de marginalizado, compõe o mosaico dos povos que ocuparam o território brasílico e constituíram a nação brasileira.

Nosso trabalho se debruçará na análise dos noticiários produzidos sobre a ocupação cigana em Brasília e de textos mais elaborados publicados por colunistas do jornal *Correio Braziliense*. Apontaremos as representações produzidas sobre os ciganos nesse material, com foco nos elementos que corrobora na construção da identidade cigana, seu lugar na cidade e a receptividade da comunidade local.

A identidade é uma categoria bastante debatida nas Ciências Humanas. No entanto, neste trabalho a compreenderemos a luz das reflexões teóricas do sociólogo Stuart Hall. Seu esforço de teorizar a identidade a partir da modernidade – entendida aqui, a partir de Anthony Giddens (2002, p.21), enquanto uma ordem pós-tradicional –, como também da modernidade tardia – referência ao século XX –, situa a ascensão do individualismo como consequência da ruptura com a ordem tradicional, na transição entre os séculos XVIII para XIX, com suas intensas transformações, que fez emergir de maneira mais evidente a identidade como mecanismo de diferenciação dos indivíduos e grupos sociais – nos apropriamos também das reflexões da Kathryn Woodward (2000), ao indicar a diferença como elemento central da identidade.

Para Hall, o século XX caracteriza-se pela “crise de identidade”, gerada pelo processo contínuo de fragmentação do indivíduo, desencadeando o surgimento do *sujeito pós-moderno* (HALL, 2006, p.12-13), marcado pela falta de uma identidade fixa, mergulhado em contradições, subdividindo-se em diversas estratificações sociais – superando unicamente a classe como marcadora da diferença, acrescentando as categorias de gênero e etnicidade, para citar alguns exemplos.

O jornal *Correio Braziliense* foi refundado em 21 de abril de 1960, em meio as comemorações da inauguração de Brasília, nova capital do Brasil, pertencente ao conglomerado midiático Diários Associados. A fundação da marca remete ao início do século XIX, quando Hipólito José da Costa, em Londres, lançou o periódico mensal, remetidos para as terras brasílicas que passava por intensas transformações com a transferência da corte portuguesa. Saiu de circulação ainda na primeira metade daquele século.

Após mais de 130 anos, as primeiras edições do jornal refundado no século XX, dedicaram-se ao processo de transferência dos poderes, e suas respectivas instituições, para a cidade, com toda a aura comemorativa e histórica. O comando da folha era do então deputado, que mais tarde tornou-se vice presidente da república (1964-1967), José Maria Alkmim.

Apelando para suas raízes históricas, e os ideais de Hipólito, o periódico elenca seus objetivos editoriais:

[...] incensante [sic] pregação das formas mais respeitáveis do convívio social, a democracia, o liberalismo, a devoção às bases constitucionais, a confiança na livre empresa e, primeiro que tudo e antes de mais nada, a união indissolúvel e a perpétua unidade do Brasil. Servir o Brasil. *Correio Braziliense*, Brasília, 21 de abr. 1960. p.01.

A folha consolida-se na cidade trazendo para os leitores a cobertura completa dos acontecimentos locais e nacionais, principalmente pelas conexões feitas com outros jornais pertencentes a rede *Diários Associados*. Logo, a utilizamos como fonte para nossa pesquisa por sua inserção dupla no debate público sobre a nação brasileira. Os problemas do Brasil e de Brasília se imiscuem. As notícias sobre os primeiros acampamentos ciganos na cidade se conectam ao noticiário de sua ocupação em outros centros urbanos, tais como as consequências desencadeadas. Assim sendo, podemos localizar representações generalizadas, que consolidam uma identidade e estigmas marcadores da diferença.

Nos movimentaremos por nossa fonte por meio do *método indiciário*, do historiador Carlo Girzburg (1989, p.143-179), ao realizarmos um extenso levantamento do noticiário e artigos sobre ciganos no recorte histórico da pesquisa, seguida de cruzamento, historicização a partir das evidências denotadas e estabelecimento de um panorama geral das representações produzidas.

OCUPAÇÃO E IDENTIDADE CIGANA EM BRASÍLIA

Os ciganos são caracterizados, de modo geral, por seu nomadismo, fato que constituí um dos mais importantes pilares da identidade cigana. Aqueles sujeitos que param de circular pelo território, são automaticamente desassociados dessa identidade. Realizando um resgate de materiais audiovisuais produzidos, podemos observar essa problemática no documentário *Ciganos do Nordeste* (1976), do diretor Olney São Paulo. Os relatos orais dos descendentes residentes em Feira de Santana, estado da Bahia, nos revelam como o fato de fixar moradia, os faz desassociar da cultura cigana, interpretando-a como algo restrito aos seus ancestrais.

O sociólogo Dimitri Fazito, ao analisar as representações desse grupo na literatura, no senso comum e na *ciganologia*, aponta como esse nomadismo foi associado a um “instinto”, natural do sujeito (2006, p.717). Instrumentalizado com as reflexões de Pierre Bourdieu sobre identidade – sobretudo no livro *O poder simbólico* (2003) – compreende a construção da identidade cigana em oposição as características da sociedade moderna e sedentária. As sucessivas expulsões dos diferentes grupos étnicos advindos de fora do continente europeu, a partir do século XV, teriam forjado o

nomadismo e unificação identitária dos ciganos³. Processos esses que permanecem até a contemporaneidade.

Na história recente, temos o genocídio realizado pela Alemanha nazista e a proibição do desembarque no Brasil por meio do decreto-lei nº 406, do presidente Getúlio Vargas em 1938, para citar alguns exemplos de perseguição institucional. Vistos como elementos perigosos a higiene e segurança pública, eram indesejados e expulsos do meio rural e, sobretudo, urbano. Fato este, que atua diretamente na manutenção do nomadismo, internalizados culturalmente pelos próprios, “baseada nas experiências comuns de desenraizamento” (*Ibidem*, p.722), mas não constituinte de um elemento inato ou “da natureza” dos ciganos. Assim sendo:

[...] pode-se dizer que o nomadismo expõe uma relação singular do cigano com o espaço, capaz de diferenciá-lo do não-cigano e mantê-lo distante do mundo não-cigano. Primeiro porque, sob o efeito de nomeação e da força das homologias dos espaços, os ciganos são impelidos a viver nos interstícios sociais e, conseqüentemente, nos limites espaciais das sociedades. (*Ibidem*, 2006, p.722).

No caso da recém inaugurada capital do Brasil, ainda em 1960, registram-se, no *Correio Braziliense*, as primeiras “invasões ciganas” – eram assim intituladas algumas notícias – na cidade. Um acampamento colorido nas proximidades da “Cidade Livre” abrigava aproximadamente 100 ciganos. Para solucionar o problema, a polícia intervém, gerando apenas um deslocamento para outra região da cidade, com novas reclamações de moradores. Todavia, o jornal apontou que essas invasões não constituem problema – ou os problemas decorrentes da sua presença não são permanentes –, pois “[...] são livres em excesso e não se adaptam a lugar nenhum”⁴. Denotando, como discutimos anteriormente, a atribuição de um inatismo ao aspecto nômade da identidade cigana. Os acampamentos ciganos serão vistos, de maneira geral, como indesejados. Apesar de não ser a regra, em alguns casos o jornal celebra o *exotismo* desses povos, preocupando-se inclusive em especificar suas origens étnicas:

Os ciganos [...] são sempre uma novidade quando chegam em qualquer lugar. Com suas vestes típica, com os braços cheios de pulseiras praticando a “buena dicha”, eles sempre constituem motivo de atração. Agora essa raça nômade encontra-se em Brasília com duas tribos distintas. Uma acampada em Taguatinga, originária do Egito e outra na Cidade Livre, vinda da Argentina. (Ciganos chegaram. *Correio Braziliense*, Brasília 25 de mar. de 1965, p.05).

A “buena dicha” é uma referência aos “jogos de sorte”, que também os caracterizam com frequência no levantamento que realizamos no jornal.

³ Que em outras línguas europeias foram nomeados, por exemplo, como *gypsies*, *gitanos*, *zingari*, *zigeuner*, de acordo com levantamento realizado pelo pesquisador Dimitri Fazito (2006).

⁴ Invasão cigana. *Correio Braziliense*, Brasília, 16 de jul. de 1960. P.08.

No entanto, são práticas que também os fazem mal vistos pela população, acusando-os de charlatanismo. Une-se a essas acusações, os registros de raptos e furtos, tornando-os alvo de constantes visitas e “batidas”⁵ policiais. Aliás, muitas vezes os raptos, como também a venda de filhas, entre os ciganos tornaram-se casos de polícia e do judiciário, como na situação de uma “ditosa ciganinha”⁶, vendida por um milhão e duzentos mil cruzeiros, venda interdita pelo Juizado de Menores em 1965.

No jornal também são frequentes o noticiário da presença no meio urbano e rural de Goiás. Acusações de furtos, raptos e desacatos com a comunidade ou agricultores em torno dos acampamentos apareceram várias vezes em nosso levantamento⁷. Entre pequenas notas e grandes manchetes, a folha noticiava, a partir das denúncias, a periculosidade desses grupos, talvez em resposta ao afrouxamento e permissividade dos acampamentos na capital do Brasil, sobretudo na década de 1970.

No ano de 1977, o então vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore, ligado a UNESCO, Ático Vilas Boas critica a intervenção das forças policiais e setores da saúde, que os acusavam “[...] de faltarem com a higiene, ameaçando a saúde pública, de desprezar a vizinhança, violar a lei do silêncio e se dedicar a atividades duvidosas”⁸. Defensor dos direitos dos ciganos como “seres humanos”, Vilas Boas apontou indícios de discriminação racial nessas desapropriações realizadas pelo poder público, como também na ojeriza das comunidades urbanas e rurais para com esses grupos.

É possível que essas indagações realizadas no jornal se relacionem com a preocupação dos órgãos internacionais para com as minorias após o regime nazista. Como já apontamos anteriormente, e agora enfatizamos, os ciganos constituem um grupo historicamente perseguido, inclusive de maneira institucionalizada. A historiadora Cassi Coutinho, em *Perturbadores da ordem: os ciganos no projeto civilizador da República* (2014), trabalha bem esse aspecto de marginalização desses povos no projeto civilizador do Estado brasileiro, ao situá-los deslocado dos valores capitalistas exigidos na construção do progresso desejado.

Ainda na década de 1970, identificamos acampamentos mais sofisticados e bem recepcionados, inclusive com anúncio de seus serviços. Acampados na avenida W-4, nas proximidades do setor de rádios e TV, um

⁵ Por exemplo, ver: Apreensão de armas. *Correio Braziliense*, Brasília, 31 de abr. de 1964. P.07.

⁶ Coisas de cigano. *Correio Braziliense*, Brasília, 06 de mai. de 1965. P.06.

⁷ Para citar alguns exemplos do nosso recorte temporal: (1) Detenção em massa, de ciganos; raptos e furtos. *Correio Braziliense*. Brasília, 20 de jan. de 1961. Segundo Caderno, p.02; (2) Ciganos estão agindo em Goiás. *Correio Braziliense*. Brasília, 29 de mai. de 1973. P.09. (3) Jovens assaltam drogaria. *Correio Braziliense*. Brasília, Brasília 10 de jan. de 1975. P.08.

⁸ Vilas Boas defende vaivém dos ciganos. *Correio Braziliense*. Brasília, 20 de dez. de 1977. P.09.

grupo de cigano anunciam a venda de tachos, muito característico de acordo com nosso levantamento no periódico, e a leitura das mãos por 10 cruzeiros⁹. O espaço destacado para essa notícia no jornal, nos faz prospectar a possibilidade de ser uma peça publicitária comprada pelo grupo, uma vez que se enfatiza a autorização do governo para ocupação do terreno e não há nenhum traço pejorativo na descrição dos ciganos e suas práticas – nem mesmo em relação ao serviço de leitura das mãos, bastante criticado em ocorrências anteriores no jornal.

Outra hipótese para diferenciação no tratamento dado pelo jornal, pode referir-se à localização dos acampamentos. Ao que parece, algumas regiões da cidade geram mais descontentamento e denúncias por parte da comunidade. É o caso da ocupação no ano de 1979 na Estrada-Parque Paranóia, com mais de 130 pessoas e suas 13 barracas, em um espaço de aproximadamente dois hectares. Os moradores temiam, como consequência, o surgimento de “[...] surtos epidêmicos por causa da completa falta de higiene e lamentam que, mais uma vez, detritos sejam lançados em um córrego que desagua no Lado de Brasília, aumentando o risco de poluição”¹⁰. Lamentavam o desrespeito ao código de posturas do Distrito Federal permitido pelos órgãos do governo.

Todavia, a reportagem denota uma certa rejeição de alguns integrantes do acampamento em se denominarem ciganos. Um dos entrevistados é identificado como “mineiro, torcedor do Cruzeiro de Belo Horizonte” que esperava “conseguir boas oportunidades em Brasília e ainda não sabe se permanece, ou não, na cidade”¹¹. Entre outras ocorrências – onde, em meio a abordagem da equipe do jornal, integrantes negam a identidade cigana – temos o caso dos desentendimentos ocorridos em um acampamento no ano de 1977, pelo qual um integrante embriagado “descarregou sua arma dando tiros a esmo”¹², atingindo sua filha e outro sujeito. Abordado pela equipe de reportagem, o chefe do acampamento nega a identidade cigana, pois “cigano é estrangeiro. Nós somos um grupo de brasileiros, procurando melhorias de vida”¹³.

A partir disso, podemos compreender essas negativas como; (a) um mecanismo de defesa a rejeição da comunidade para com o grupo, ou também (b) podemos apontar – e cabe outro estudo para aprofundamento – que o jornal pode ter cometido equívocos ao associar os imigrantes que chegavam na nova capital, em busca de novas oportunidades e morando

⁹ Ciganos revelam o futuro por Cr\$10,00. *Correio Braziliense*. Brasília, 01 de set. de 1974. P.16.

¹⁰ Surge um novo acampamento. *Correio Braziliense*. Brasília, 23 de jul. de 1979. P.12.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Bang-Bang: Baixou um John Wayne no Geraldo Soares. *Correio Braziliense*. Brasília, 12 de dez. de 1977. P.32.

¹³ *Ibidem*.

provisoriamente em acampamentos, com ciganos. Todavia, essa visão negativa da presença cigana, que tem raízes históricas, como apontamos ao longo do artigo, tem no jornal um instrumento de difusão e constituição de estereótipos negativos. Trata-se de um reiterado incômodo pela presença do grupo no meio urbano, materializada em opiniões como a do colunista S. P. Junqueira:

Os mendigos de verdade e os pedintes que fingem de mendigos são menos prejudiciais à sociedade do que os ciganos. Pelo menos não burlam a boa fé dos outros e nem e apossam indevidamente do que aos outros pertence. (JUNQUEIRA, S.P. assuntos em pauta. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 de out. de 1969. Caderno 3, p.02).

Textos como esse, somam-se ao exercício constante de representação negativa dos ciganos, uma perspectiva de estranhamento, somado a um discurso higienista colhido da comunidade e dado a ler nas reportagens. Ciganos e ciganas são usualmente associados a prática de furtos, raptos e assaltos, alvos constata de operações policiais em suas moradias. Uma perseguição social que se tornou elemento central na história desses grupos, fazendo com que o nomadismo situe como uma categoria “socialmente operativa e largamente performativa” em sua identidade, uma “experiência comum de desenraizamento” de um grupo tão diverso (FAZITO, 2006, p.722-723).

Do levantamento realizado, destacaremos e analisaremos ainda duas colunas específicas, que buscaram compreender de maneira mais aprofundada o sujeito cigano, em meio a sociedade, para os leitores do jornal. Trata-se do texto *Os ciganos também são brasileiros* (1979), da Dinah Saveiro de Queiroz, e do Alencar Monteiro, intitulado: *Ciganos, lendas e fatos* (1965). O texto da Dinah Queiroz faz um contraponto, denotando o momento histórico, que pontuamos nas análises anteriores: a perseguição social dos ciganos e suas práticas. Bastante interessante a abordagem, principalmente pela problematização da questão racial dos ciganos no Brasil:

[...] Perseguidos, algumas vezes até a morte, por crimes que não cometeram, com suas numerosas famílias, suas estranhíssimas vocações, verdadeiramente em muitos casos místicas como é a da célebre tia Neiva no Vale do Amanhecer que tem ascendência cigana, não se compreende que no Brasil onde afirmamos tanto nossa condição de fraternidade racial, tenhamos para com os ciganos uma atitude de eterna desconfiança. (QUEIROZ, Dinah Saveiro de. Recado: Os ciganos também são brasileiros. *Correio Braziliense*, 23 de mar. 1979. Segundo Caderno, p.04).

Foi construída a imagem do brasileiro como “Homem Cordial”, trazido na obra *Raízes do Brasil* (1936), do Sergio Buarque de Holanda, onde se constrói a imagem do *ser brasileiro*, enquanto sujeito cordial, bondoso. A imagem e discurso construído no imaginário da população de que o Brasil

é um país que não existe racismo, baseado sobretudo no mito da *democracia racial* – construção bastante inspirada nos escritos de Gilberto Freyre, principalmente na obra *Ordem e Progresso* (1959) – pode então ser desconstruído pela observação do nosso cotidiano, aqui destacado pelos registros presentes no jornal analisado. Não estamos racializando os ciganos, mas os situamos como povos étnicos e, por isso historicamente sofrem processos de exclusão da norma social, inspirada na *branquitude* europeia. Com o texto do Alencar Monteiro, temos um viés de celebração da cultura e costumes. O casamento cigano, bastante noticiado no jornal¹⁴, também se tornou foco da sua escrita:

O casamento Cigano é uma das cerimônias mais bonitas da tribo. São três dias de festas incessantes e não se permite a entrada de ganjões. Por muita insistência fizeram uma concessão especial aos repórteres. Assistimos a todo um casamento e, com as velhas da tribo conseguimos explicações. No primeiro dia, festejam a virgindade da noiva; no segundo, o ato em que ela a perde, e o terceiro, depois da virgindade. Há iguarias de tôdas as espécies e muita bebida. Dançam noites inteiras e a música não pára. Fomos uns dos poucos ganjões a assistir a tal cerimônia. Casam-se na lei do país em que estão, entretanto, não aceitam o credo religioso, católico ou evangélico. Após o conúbio civil, são abençoados em solenidade especial pelo chefe da tribo. Ajoelhados os noivos ouvem as palavras em kêrdes e as respondem. Depois são amarrados um ao outro com fitas vermelhas, quando fazem uma dança especial. Após isto estão casados. (MONTEIRO, Alencar. Ciganos, lendas e fatos. *Correio Brasiliense*, 28 de mar. 1965. Caderno 2, p.01).

No texto, percebe-se a procura de entender a cultura cigana, ouvindo-os, indo assistir suas festividades, é nítido desde o início que o autor faz a sua interpretação sobre a *tribo* a qual vai observar, o mesmo expõe que acha uma das cerimônias mais bonitas da *tribo*. Podemos notar também que o grupo a qual observou não gostava da presença dos *ganjões* – termo bastante utilizado pelos ciganos para se referir a uma pessoa adulta, um homem, sujeito –, sendo o escritor privilegiado em assistir. Por serem povos nômades, estes se casam perante a lei do local que se encontram no momento, mas o fato de não se casarem dentro dos ritos religiosos, mostra como estes mantêm, em parte, seus próprios códigos e tradições. Tradições estas que são diversas, variando entre a diversidade de povos que constituem os ciganos, como o historiador Lourival Júnior (2008), nos atenta:

É importante reconhecer o terreno movediço em que se situa uma pesquisa sobre ciganos. São diversos grupos cada qual com suas características próprias e com suas táticas de sobrevivência. Cada

¹⁴ Nas décadas na nossa investigação localizamos diversos registros das cerimônias matrimoniais dos grupos ciganos, como em: PESSOA, Paula. Casamentos de ciganos em Taguatinga atrai atenção por seu belo ritual. Ver: *Correio Brasiliense*. Brasília, 25 de jan. de 1964. P.08; Ciganos. *Correio Brasiliense*. Brasília, 12 de out. de 1972. Caderno de Goiás, p.02.

região e cada realidade social e política interfere diretamente no estado de vida de grupos e indivíduos ciganos. Não há homogeneidade em suas ações e não há regras rígidas de comportamentos. A heterogeneidade vivida de grupo para grupo se dá fundamentalmente pelos constantes contatos com outras culturas em seu caminhar, mas também entre os ciganos sedentários que buscam encontrar no modo de vida dos não-ciganos uma forma de adaptação e aceitação no meio social que se inserem. A diversidade de atos e ações ciganas está relacionada a esses lugares e pessoas que passam a fazer parte de suas vidas por meio desses contatos culturais. (JÚNIOR, 2008, p.18).

Tendo em vista essa heterogeneidade dos grupos ciganos, a interpretação do texto produzido por Alencar Monteiro se equivoca ao afirmar que “[...] mesmo nos países mais evoluídos, os costumes e tradições dos ciganos em nada desenvolveram. Continuam com os mesmos tabus, tudo constituindo pecado.” (MONTEIRO, 1965, p.01). Se tomarmos como base que este se refere a mudanças nos costumes, ressaltamos que nenhuma cultura permanece intacta, sem modificações e, como Lourival Júnior (2008) afirma, nos contatos dos ciganos com várias culturas nos seus trajetos, estes buscaram e acabaram por adaptações e ressignificações, produzindo a diversidade presente e observada nas identidades ciganas, em confronto com a homogeneidade identitária produzida historicamente e aqui exemplificada na análise de uma fonte do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente artigo contribui, por meio das análises do *Correio Braziliense*, para com a temática da história da ocupação cigana na cidade de Brasília. Assim, através da fonte e bibliografia, foi possível melhor entendermos a discussão acerca da visão identitária – e das representações – constituídas por um dos principais jornais do país no período investigado. A partir das nossas análises, portanto, podemos compreender a continuidade e manutenção de uma identidade negativa dos grupos ciganos no início da segunda metade do século XX, mesmo após as atrocidades que vieram a público cometido pelo regime nazista. A nova capital do Brasil não foi receptiva com os acampamentos que, naquele momento, também se interiorizava pelo Brasil. Por meio do jornal *Correio Braziliense*, temos uma identidade associada aos crimes e charlatanismo, uma presença indesejada, perigosa para a higiene pública. Pelas folhas do periódico, os ciganos são situados como o Outro do modelo civilizacional preterido para o Brasil, exóticos ao cenário urbano e seu nomadismo podem ter lhes salvado de maiores intervenções policiais. No entanto, é possível que seus acampamentos possam ter sido confundidos pelas moradias provisórias dos imigrantes que chegavam para tentar a vida, em busca de

novas oportunidades, cabendo uma pesquisa com um olhar mais específico para esse aspecto.

FONTES

Apreensão de armas. *Correio Braziliense*. Brasília, 31 de abr. de 1964. P.07. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/14082>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Bang-Bang: Baixou um John Wayne no Geraldo Soares. *Correio Braziliense*. Brasília, 12 de dez. de 1977. P.32. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/97622>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Ciganos chegaram. *Correio Braziliense*. Brasília 25 de mar. de 1965, p.05. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/17921>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Ciganos estão agindo em Goiás. *Correio Braziliense*. Brasília, *Correio Braziliense*. Brasília, 29 de mai. de 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/32963>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Ciganos revelam o futuro por Cr\$10,00. *Correio Braziliense*. Brasília, 01 de set. de 1974. P.16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/51905>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Coisas de cigano. *Correio Braziliense*, Brasília, 06 de mai. de 1965. P.06. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/18417>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Detenção em massa, de ciganos; raptos e furtos. *Correio Braziliense*. Brasília, 20 de jan. de 1961. Segundo Caderno, p.02. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/2965>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Invasão cigana. *Correio Braziliense*, Brasília, 16 de jul. de 1960. P.08. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/17>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Jovens assaltam drogaria. *Correio Braziliense*. Brasília, Brasília 10 de jan. de 1975. P.08. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/56551>. Acesso em 09 de jan. 2021.

JUNQUEIRA, S.P. assuntos em pauta. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 de out. de 1969. Caderno 3, p.02. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/45356>. Acesso em 09 de jan. 2021.

MONTEIRO, Alencar. Ciganos, lendas e fatos. *Correio Brasiliense*, 28 de mar. 1965. Caderno 2, p.01. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/17967>. Acesso em 08 de jan. 2021.

QUEIROZ, Dinah Saveiro de. Recado: Os ciganos também são brasileiros. *Correio Braziliense*, 23 de mar. 1979. Segundo Caderno, p.04. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/118934>. Acesso em 08 de jan. 2021.

Servir o Brasil. *Correio Braziliense*, Brasília, 21 de abr. de 1960. p.01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/17>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Surge um novo acampamento. *Correio Braziliense*. Brasília, 23 de jul. de 1979. P.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/124648>. Acesso em 09 de jan. 2021.

Vilas Boas defende vaivém dos ciganos. *Correio Braziliense*. Brasília, 20 de dez. de 1977. P.09. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/97977>. Acesso em 09 de jan. 2021.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, vol.5 nº11. 1991.

CHINA, J.B. d'Oliveira. *Os Ciganos do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. Os Ciganos nos Registros Policiais Mineiros (1907-1920). Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília. Brasília: 2016.

_____. Perturbadores da ordem: os ciganos no projeto civilizador da República. In: XVI Encontro Regional de História, 2014, Rio de Janeiro. *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH – Rio: Saberes e Práticas Científicas*. Rio de Janeiro, 2014.

FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamentos das representações numa teia de discursos mitológico-científico e práticas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 49, p. 7, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso: Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o Regime de Trabalho Livre*. São Paulo: Global, 2004. Publicado originalmente em 1959.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GINZBURG, Carlo. Sinais raízes de um paradigma indiciário. In _____. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo Cia. das Letras, 1989. p.143-179.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORAES FILHO, Alexandre José Mello. *Os ciganos no Brasil, contribuição ethnographica*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier. 1886.

MIRANDA, Francielle Felipe Faria de. *As Representações dos Ciganos no Cinema Documentário Brasileiro. Dissertação (Mestre em Comunicação)*. Universidade Federal de Goiás. Goiás: 2011.

TEIXEIRA, Rodrigo C. *História dos Ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.